

DISCURSO

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou acontecimento*. Tradução do original inglês de 1988, por E. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

Como muitos vocábulos, por uso exagerado ou por difusão inadequada, discurso acabou por se tornar uma designação por vezes genérica e abrangente em demasia para atender às características dos termos científicos. Além disso, não se pode esquecer que antes do seu uso pelas ciências o vocábulo já tinha um conteúdo semântico pré-fixado e dicionarizado. Este último fato, por si mesmo já é um complicador quando um vocábulo ou expressão passa a ser usado em ciências. Nestas circunstâncias, impõe-se a necessidade de redefinições, de especificações das características relevantes do conceito subjacente à denominação.

Este esforço é desenvolvido por Pêcheux, dentro de uma perspectiva do fazer científico da lingüística, mas sem perder de vista suas aplicações em outras ciências, e com ênfase no discurso científico. O texto é breve mas suficiente para clarear questões pendentes e suscitar reflexões. Trata-se de uma conferência, apresentada pelo Autor na Universidade de Illinois (Urbana-Champaign), em 1983. Desta forma, não houve espaço para aprofundar certas colocações nem apontar outras perspectivas, mas resultou em um texto interessante.

Embora a ciência evolua hoje com extrema rapidez e muito se tenha evoluído nesta área, o discurso de Pêcheux é ainda útil especialmente para os que se iniciam no tema. Além disso, como diz a tradutora, na apresentação da obra ao leitor, ele já enuncia uma posição em relação ao marxismo que só agora começa a emergir no Brasil, mas que teve avanços notáveis no exterior, notadamente na Europa. É hora de grandes revisões e formulações. Pontos de partida para reflexão e novos discursos estão subjacentes no texto de Pêcheux. A tradutora e apresentadora do texto, Orlandi,

diz: "Paralelamente, sem negar o percurso pelo marxismo, ele no entanto experimenta seus limites e se apresenta na sua responsabilidade como teórico da linguagem: o de quem não protege nem se protege em Marx. Ao contrário, aceita seu desafio entrecruzando três caminhos: o do conhecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação na Análise de Discurso" (p.9). Isto o faz sem assumir o papel de outros intelectuais que só reagem descobrindo que tinham sido "intimidados" pela "teoria". Realmente, nem sempre intelectuais e cientistas estão cientes do papel das teorias na construção do saber e acabam por fazer delas verdadeiras camisas-de-força ou se tornam incapazes de olhar para e do outro lado, Pêcheux procura uma dimensão para o uso da teoria mais compatível com o esperado em ciência.

O texto compreende três partes: Introdução; Ciência, estrutura e escolástica; sendo a última Ler, Descrever, Interpretar. A Introdução começa por apontar contradições, impossibilidades: "Vocês conhecem a história daquele velho teórico/erudito/marxista que queria fabricar sua biblioteca sozinho?. Era naqueles longínquos tempos em que os marxistas pensavam poder construir tudo por si mesmos: a economia, a história, a filosofia, a psicologia, a lingüística, a literatura, a sociologia, a arte... e as bibliotecas" (p. 15). Certamente, para alguns este longínquo é ainda o presente e seria útil, para começar, ler as reflexões de Pêcheux e acompanhar o fato de que "hoje o marxismo procura casar-se, ou contrair relações extra-conjugais..." (p.16).

O discurso como estrutura e como acontecimento passa a ser o foco da atenção do Autor, relaciona possibilidades de enunciado e acontecimento; questão; descrição e interpretação. Opta pelo acontecimento, a estrutura e a tensão entre descrição e interpretação no interior da análise do discurso. Toma por exemplo o "ganhamos" das eleições de Mitterand, analisando o sujeito do enunciado (quem?) e seus complementos (o quê, como, por quê).

Na parte seguinte começa por discutir o "real", o verdadeiro/falso, passa a analisar o sujeito pragmático, o qual "tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade

lógica" (p. 33). Aponta para "o fantasma" de uma estrutura homogênea de saber eficaz, administrável e transmissível" (p. 35). Isto o leva à escolástica e desta à ontogenia marxista. Neste caso, retoma afirmações como a de Lenin: "a teoria de Marx é todopoderosa porque é verdadeira" apontando suas limitações e riscos do que se pode chamar "cegueira-teórica". Afirma uma necessidade "Vamos parar de proteger Marx e de nos proteger nele. Vamos parar de supor que 'as coisas-a-saber' que concernem ao real sócio-histórico formam um sistema estrutural análogo à coerência conceptual-experimental Galileana" (p. 42).

No item final retoma a questão do "real", lembrando a busca de novas leituras, por exemplo, do "estruturalismo" vicejante na França dos anos 60 em várias ciências.

A trilogia Marx-Freud-Saussure emergiu como um "desafio intelectual engajando a promessa de uma revolução cultural, que coloca em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social" (p. 45) e que viabilizou "o reconhecimento de um fato estrutural próprio à ordem humana: o da castração simbólica" (p. 46). Surge o narcisismo da estrutura. Lembra ainda que, se no começo dos anos 80 começa o desmoronamento na França, lá ainda persistiam seus efeitos, mas que eram notadamente mais fortes no espaço latino-americano, bem como em países de língua inglesa onde cresceu a recepção a trabalhos de Lacan, Barthes, Derrida e Foucault.

Diz "... no momento preciso em que a América descobre o estruturalismo, a intelectualidade francesa 'vira a página', desenvolvendo um ressentimento maciço face a teorias" (p. 47-48). Aponta para riscos de inclinações ideológicas.

Acaba por apresentar uma proposta de análise e alerta para a necessidade de se manter "prudentemente distanciado de qualquer ciência régia presente ou futura (quer se trate de positivismo ou de ontologias marxistas)" (p. 49). O primeiro passo para esta análise de discurso é dar "primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas" (p. 53). Descrever é o reconhecer de um real específico sobre o qual ela se instala - a

língua (objeto da lingüística). Toda descrição está "exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro... Todo enunciado... é... lingüísticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso" (p. 53). É relevante não esquecer o discurso como acontecimento, e isto é uma questão ética e política - "uma questão de responsabilidade" (p. 57).

Dadas as características do texto o mesmo pode ser de grande utilidade em cursos que enfoquem qualquer tipo de discurso e possibilita bons arranjos pedagógicos para seminários.

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP